

## **Tradições culturais locais e mudanças climáticas globais**

### **Local cultural traditions and global climate changes**

**Isadora Moreira Ribeiro**

isadora.moreiraribeiro@gmail.com

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

**Júlia Lorrayne**

julialmcampos@gmail.com

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

**Sheila Maria Doula**

sheila@ufv.br

Doutora em Antropologia Social. Professora do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural - UFV. Coordenadora do Observatório da Juventude Rural - UFV.

**Recebido em: 29/08/2018**  
**Aprovado em: 14/10/2018**

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (UFV)**

**ISSN 2359-5116 | V. 7 | N.2 | JUL.-DEZ.2018**

**RESENHA DE:** ANTES da chuva. Direção: Otávio Almeida. Produção: Instituto Sociambiental, Rede de Sementes e Volante Filmes, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0b3zmKVJOsU>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

O minidocumentário *Antes da chuva* (2017) retrata os impactos das mudanças climáticas no cotidiano dos povos do Território Indígena do Xingu e dos agricultores familiares da região do Araguaia, no estado do Mato Grosso. Com duração de 21 minutos, o curta-metragem é resultado do trabalho de pesquisa desenvolvido durante um ano por 14 jovens indígenas e agricultores junto a suas comunidades, o qual também deu origem ao livro *O que será de nossas sementes? – Pesquisa intercultural sobre as mudanças climáticas no Xingu-Araguaia* (2017) (ISA, 2018).

O filme foi produzido pelo Instituto Socioambiental (ISA), caracterizado como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), cujo objetivo é propor soluções para problemas ambientais e sociais, com foco “na defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos” (ISA, 2018). A produção teve a parceria da Volante Filmes e da Associação Rede de Sementes do Xingu, que é a maior rede de comercialização de sementes nativas no Brasil. Atuando há uma década no circuito de trocas e comercialização de sementes da região do Araguaia, Xingu e Teles Pires, a Associação tem o objetivo de promover conhecimentos locais sobre a preservação e a recuperação das florestas nativas (REDE, 2018).

Exibido no VI Congresso Latino-Americano de Agroecologia (2017) e no 7º Cinecipó – Festival do Filme Insurgente, o minidocumentário foi indicado ao Troféu Cacto de Ouro, na 12ª edição do Encontro Nacional de Cinema e Vídeo dos Sertões, concorrendo em todas as categorias da seção “Filmes de curta-metragem documentário nacional” (Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Roteiro, Melhor Fotografia e Melhor Montagem), sendo vencedor no quesito Fotografia. O prêmio, em analogia à resistência do cacto, tem em seu nome imbuída a crítica à escassez de patrocínio para produções audiovisuais fora do circuito *mainstream* (CINEMA, 2018), o que condiz com as características do curta-metragem, produzido por uma organização civil e sem fins lucrativos (ISA), com apoio e parceria de instituições privadas e públicas, ainda que não especificamente do Ministério da Cultura.

O enredo prioriza os depoimentos dos indígenas Oreme Ikpeng, da aldeia Moygu, e Tawaiku Juruna, da aldeia Tuba Tuba; do agricultor Anderson Righi, do Assentamento Bordolândia; e da estudante de Biologia da Universidade Federal do Mato Grosso (Unemat), Milene Alves Oliveira. Assinalando a articulação desses jovens pesquisadores como membros da Associação Rede de Sementes do Xingu, a narrativa audiovisual busca corroborar os efeitos ambientais negativos da expansão do agronegócio sobre o Cerrado e as florestas locais, com enfoque nas consequências do desmatamento no entorno dos territórios indígenas e dos assentamentos rurais. Nesse contexto, o aumento da temperatura e a alteração no período e no volume das chuvas são percepções recorrentes nos relatos, o que dialoga com o título do curta-metragem.

No desenvolvimento da narrativa, os protagonistas apresentam os impactos ecossistêmicos decorrentes da formação de pastagens, monocultura de grãos e exploração madeireira no Centro-Oeste, com destaque para a diminuição do nível de água dos rios, o ressecamento de lavouras destinadas ao consumo próprio, o aparecimento de novas pragas, os efeitos da difusão de agrotóxicos para além das propriedades onde são aplicados e as interferências no ciclo biológico das espécies vegetais nativas, cujas sementes representam a base da geração de renda para os membros da Rede.

Os enquadramentos destacam planos abertos nas imagens que focam a degradação ambiental e o espaço natural, e planos médios e fechados na focalização dos personagens, o que configura uma composição que alinha o conteúdo sonoro ao das imagens, com propósito de veridicção. De maneira geral, a estrutura fílmica conjuga relatos testemunhais, sem mediação do documentarista em cena, e imagens referenciais, explorando captações cobertas por *offs* dos próprios personagens. Há cenas que incluem videografia, sons do ambiente e músicas de fundo instrumentais de origem indígena (flauta).

Antecedida por incursões de texto introdutórias (cartelas), a primeira cena exhibe uma família indígena do lado de fora de sua habitação, durante uma forte ventania que movimenta a mata ao redor. A mãe, que carrega um bebê ao colo, está acompanhada de seu outro filho, também criança, fazendo gestos com varas de madeira, num cenário indicativo de chuva. Associando-se a isso a inserção gráfica do título do curta no vídeo, pode-se depreender que as gesticulações compõem algum rito tradicional vinculado à chuva.

De início, tem-se o apelo da indígena Duyadi Yudja, da aldeia Parureira, que se expressa em língua nativa acerca da destruição ambiental que afeta a floresta, elemento essencial para a sobrevivência de seu povo. Na sequência, o jovem pesquisador Anderson Righi relata a chegada e a vivência de sua família em uma terra diferente, valendo-se de fotografias antigas de acervo pessoal para recordar e narrar o começo da vida no Assentamento Bordolândia. O depoimento de Anderson é seguido pelo de Milene Oliveira, que enfatiza a mescla do saber popular e do saber científico na compreensão da natureza e das mudanças climáticas. Concluindo o encadeamento narrativo, Oreme Ikpeng mostra as dificuldades em manter os saberes tradicionais indígenas frente às novas dinâmicas do meio ambiente impulsionadas pelo aquecimento global, tendo como plano de fundo a Casa de Sementes da aldeia, sede do Movimento das Mulheres Yarang.

Na próxima cena, a aluna de Biologia aparece em silêncio, cedendo espaço para que sua mãe, Vera, narre como a seca afeta negativamente a coleta, podendo impedir a reprodução de determinadas plantas com o passar do tempo. O enquadramento é acompanhado por uma trilha sonora que inspira mistério e medo. A estudante retoma adiante a preocupação retratada pela mãe, explicando que a semente de landi boiava nas águas e podia ser coletada, o que é inviabilizado pela seca, que acarreta a permanência da semente no solo, fazendo com que se queime.

O próximo personagem a expor problemas associados às mudanças climáticas é Tawaiku Juruna, agricultor indígena que se apresenta ao lado de outros, durante o trabalho na roça de mandioca, narrando como animais silvestres têm destruído a plantação do território ao migrarem em função do desmatamento e da consequente escassez de alimentos. Acompanhando seu relato a respeito do modo como o agronegócio prejudica a sobrevivência da agricultura dos povos tradicionais, é exibida uma sequência de cenas com o plantio e a colheita de mandioca por um homem e uma mulher, representando um sistema de produção contraposto ao intensivo. A cena termina com foco em uma boiada numa pastagem seca, com uma grande queimada ao fundo.

Em continuidade, Oreme explica como as mudanças climáticas interferiram nas tradições técnicas da agricultura, incluindo a regulação da queimada, programada para ser feita com base na aproximação dos sinais da chuva. Seu relato é completado por Milene, que detalha como o ciclo de produção do caju tem se modificado com a seca. A cena é referencial, mostrando a estudante sob um cajueiro com pequenos botões de flores ainda não abertos e com as folhas cobertas de poeira.

O cenário seguinte se alterna para uma pequena fazenda, com galinhas e bois em uma terra árida. Anderson explica que a época de estiagem sempre é esperada nos meses de junho, julho e agosto; entretanto, acrescenta que nunca houve uma seca tão extrema como a do ano relativo à filmagem. Fazendo uma triste analogia com a sua realidade, o jovem agricultor conta que “o gado fica magro também, que nem a nossa renda (...)” (11’ 44”), assinalando que a família precisou buscar na cidade produtos anteriormente colhidos na propriedade. A cena se encerra com animais em um paiol cheio de sacos vazios.

Retornando às indígenas, enquadra-se um círculo de mulheres, com crianças e baldes, cantando e coletando sementes na mata. Magaró Ikpeng, liderança do Movimento das Mulheres Yarang, conta (em sua língua nativa) que o local em que elas estão não pode receber plantio devido às queimadas anuais realizadas pelo povo branco, o que tem ocasionado fome e aumento da temperatura na região. A próxima imagem é focada no sol, colorido de um laranja-avermelhado, enquanto a fumaça preta de uma queimada ascende.

Os prejuízos causados pela falta de chuva à locomoção por meio dos rios são abordados na continuidade. Wonka Ikpeng, liderança do povo Ikpeng Moygu, argumenta sobre esse impacto enquanto atravessa o rio. O indígena explica que as viagens são feitas por barcos e, com a baixa do rio, surgem curvas no percurso, as quais consomem gasolina e quase inviabilizam o trajeto sem que se faça reposição do combustível. “As viagens de noite é muito perigoso (sic). Antigamente o rio era muito cheio e não precisava fazer curvas, mas agora mudou, tudo está diferente, o rio está muito seco” (13’ 33”).

Para o debate sobre a contaminação das águas com agrotóxicos, Tawaiiku relata como o “veneno” aplicado nas fazendas de soja está infectando os peixes utilizados na alimentação diária. O discurso é reforçado pela imagem de crianças em uma canoa à beira do rio, pescando e limpando peixes. Continuando nesse eixo de discussão sobre os agrotóxicos, Anderson descreve como percebia a modificação nas plantas após as fazendas vizinhas pulverizarem pesticidas através de veículos aéreos, além do cheiro característico que permanecia no ar.

Sobrepondo-se a uma visão simplista acerca do esgotamento dos recursos naturais, nota-se que os personagens demonstram preocupação com as dimensões culturais atreladas às mudanças climáticas. Como se apreende a partir das falas de Oreme,

o contato com a “cultura branca”, mais precisamente com as explicações acerca das questões ambientais, constitui-se como possibilidade para a cultura indígena no que se refere à crise dos sinais que orientam a compreensão tradicional dos fenômenos naturais. “Querem seguir as regras antigas, mas o tempo não acompanha essas regras antigas, ou seja, a gente não tá (sic) mais confiando nos nossos sinais”, afirma Ikpeng (9’ 41”). Nesse sentido, a coexistência com a seca e com o aumento da temperatura como indícios de alterações que transcendem os limites demarcados dos territórios, além de convocar um pensamento sistêmico, interpela a temporalidade da cultura indígena, uma vez que o tempo que orienta a tradição das relações com a natureza é diferente do momento em que as mudanças climáticas ocorrem na contemporaneidade.

Nas circunstâncias em que o arraigamento à matriz tradicional de conhecimento indígena passa a ser questionado em sua adequação e viabilidade, o trânsito intercultural do jovem indígena pode ser interpretado a partir da noção de hibridação, que aponta para a “heterogeneidade multitemporal” entre o tradicional e o moderno na América Latina (CANCLINI, 2011, p. 74). Compreendida por Canclini (2011) como um processo continuado, e não como um estado resultante da conciliação entre passado e presente, a hibrididade se redimensiona diante da inevitabilidade das pressões exercidas pelo aquecimento global sobre as práticas culturais diretamente dependentes da natureza. Assim, se por um lado verifica-se a porosidade das fronteiras territoriais e os modos de hibridação dela resultantes, por outro se reconhece que os problemas ambientais não se encerram territorialmente, havendo impactos nas políticas públicas direcionadas à cultura indígena.

O minidocumentário incita, portanto, a indagação acerca da representação cultural da natureza, colocando-se em tensão com as consequências das práticas indiscriminadas do agronegócio para as minorias territorialmente periféricas em relação aos espaços da pecuária e das madeiras. Tratando-se de um vídeo institucionalmente comprometido, observa-se que a seleção das imagens e dos discursos busca enfatizar uma relação de oposição com um modelo produtivo que, a rigor, não é independente do Estado. Para além do lugar de fala discursivo e da significação que as ações locais assumem no horizonte de uma sustentabilidade econômica, social e ambiental, depreende-se que as políticas localizadas não comportam a transterritorialidade dos problemas ambientais.

Ao apostar na aproximação entre a juventude e os processos de recuperação dos biomas, o que se configura por meio do protagonismo dos jovens agricultores e indígenas como pesquisadores locais, o minidocumentário apresenta as mudanças climáticas em

perspectiva geracional e intercultural. Tendo em vista a baixa incidência da juventude “nos espaços de formação e tomada de decisão” na Rede (URZEDO et al., 2017, p. 8), o filme opera no reconhecimento político desses atores, o que é basilar para a elaboração de políticas públicas que tratem culturalmente os problemas vivenciados pelos diferentes sujeitos rurais.

### Referências bibliográficas

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª edição. São Paulo: Edusp, 2011.

CINEMA dos Sertões. Troféu Cacto de Ouro. **Encontro Nacional Cinema e Vídeo dos Sertões** [on-line]. Disponível em: <<http://www.cinemadossertoes.com/index.php?pg=exibe2&id=5>>. Acesso em 24 jun. 2018.

ISA - Instituto Socioambiental. Minidocumentário Antes da Chuva estreia em plataformas online. **Instituto Socioambiental** [on-line]. 29 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/minidocumentario-antes-da-chuva-estrela-em-plataformas-online>>. Acesso em 24 jun. 2018.

REDE de Sementes do Xingu. Histórico. **Rede de Sementes do Xingu** [on-line]. Disponível em: <<http://sementesdoxingu.org.br/site/historia/#>>. Acesso em 24 jun. 2018.

URZEDO, Danilo Ignacio de et al. (Org.). **O que será de nossas sementes?** – Pesquisa intercultural sobre as mudanças climáticas no Xingu-Araguaia. 1ª ed. São Paulo: Instituto Socioambiental; Canarana, MT: Associação Rede de Sementes do Xingu, 2017.